Jornal do Professor

Adufg SINDICATO

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DOS DOCENTES DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DE GOIÁS – ANO III– Nº 35 – DEZEMBRO DE 2016

Macloys Aquino



Juarez Ferraz de Maia (FIC) curte o neto na Sede Campestre

Luta e qualidade de vida

Sede Campestre é refúgio da vida acadêmica estressante
Página 6

Flávio Alves da Silva faz balanço e fala em expandir sindicato
Páginas 12 e 13

Adufg faz 7,5 mil atendimentos de saúde em 2016
Página 5

2017 será mais difícil para UFG

Em entrevista, o reitor Orlando Amaral traça cenário pior para o ano que vem, apresenta números da gestão e fala sobre as eleições para a reitoria. **Páginas 8 ,9 e 10**

OPINIÃO

"O FIM, OPS, A 'REFORMA' DA PREVIDÊNCIA"

Página 2

RETROATIVOS

Justiça manda UFG pagar ações coletivas

Respingos, página 3

EDITORIAL

Novo sindicato

As mudanças do mundo contemporâneo no que entendemos por trabalho – que deixa de ser pura produção, cumprimento, disciplina e obrigações, e se aproxima de realizações pessoais, do prazer – são uma transformação também no que entendemos por sindicato. É atenta a essas mudanças que nos últimos dez anos a Adufg Sindicato, para além da representação política e a defesa intransigente dos direitos da categoria, investe em serviços e lazer, na busca por qualidade de vida do sindicalizado.

Nesta edição, um balanço dos serviços oferecidos pela Adufg em 2016. Conseguimos realizar quase 7,6 mil atendimentos no Espaço Saúde, para uma maioria de professoras, o que consideramos uma vitória dessa gestão. A busca da qualidade de vida é também a busca do envolvimento de sindicalizados e sindicalizadas na vida da instituição. O objetivo é ampliar esses serviços porque compreender essas novas relações é também se localizar politicamente.

Contato com a redação: (62) 3202-1280 / jornaldoprofessor@adufg.org.br



*Francis Campos Bordas**

O lado obscuro da Reforma da Previdência de Temer

Admitindo apenas como argumento que a Previdência brasileira precise ser radicalmente reformada, questiono:

1) Já não foi reformada por três vezes em 18 anos? Não completamos sequer duas gerações e mudamos as regras por três vezes e agora vamos para a próxima.

2) Desde as alterações feitas em 1998, 2003 e 2005 (por ocasião das emendas constitucionais 20, 41 e 47) será que a sustentabilidade do sistema previdenciário foi tão ameaçada a ponto de justificar uma mudança tão radical?

3) Esta é a melhor forma de discutir as alterações da previdência, sem ouvir o maior interessado (o trabalhador)?

4) Quem efetivamente ganha com as mudanças?

5) Por que não se criam regras que impeçam desonerações de recolhimentos por parte de empresas e tomadores de serviços?

Grosso modo, a reforma proposta por Michel Temer (fala-se por aí que foi aposentado aos 55 anos) tem as seguintes características principais:

* Requisitos iguais para homens e mulheres;

* Fim da aposentadoria especial de professores;

* Aumenta a idade mínima e o tempo de contribuição como requisitos para aposentadoria;

* Fim da aposentadoria integral nos casos de doenças graves (cardiopatias, câncer e outras);

* Proíbe acumulação de provento de aposentadoria com pensão;

* Viúvo(a) só receberá 50% e cada filho pensionista mais 10%. Estes percentuais incidirão sobre o teto do INSS.

Visto assim, parece tudo muito lógico. Ledo engano! Tentemos deixar de lado as paixões e emoções que modernamente têm pautados as opiniões e recuperemos a racionalidade para analisar a extensão dos efeitos destas propostas sobre todos os trabalhadores.

A mais clara conclusão que se chega é: só não se importa com essa PEC quem não precisa de Previdência! Ou seja, quem não é trabalhador.

Aí chegamos ao primeiro ponto: qual a alternativa para quem não consegue se aposentar dignamente? Uma aposentadoria privada. Ou seja, um grande filão rentável do mercado financeiro. Este será o maior beneficiário destas mudanças, os bancos faturarão às custas de um novo sistema que propositadamente inviabiliza uma aposentadoria minimamente digna em tempo razoável.

Houvesse alguma lealdade e honestidade por parte de nossos governantes, esta proposta seria precedida de um debate amplo na sociedade. A proposta de fim (ops, "reforma") da Previdência tem vários erros e injustiças, mas o que mais chama a atenção é "esquecer" de revogar alguns trechos da introdução e do artigo 1º (propositalmente riscados na transcrição abaixo) em relação aos quais a PEC se opõe radicalmente:

Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte Constituição da República Federativa do Brasil.

Dos Princípios Fundamentais

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:
I - a soberania;
II - a cidadania;
~~III - a dignidade da pessoa humana;~~
~~IV - os valores sociais do trabalho~~ e da livre iniciativa;
V - o pluralismo político.

O trabalho é – ou deveria ser – um instrumento de realização pessoal, uma garantia de subsistência digna e uma forma de viabilizar a realização de outro direito social: a aposentadoria (artigo 8º, inciso XXIV da Constituição).

No momento em que uma proposta de reforma da Constituição, se aprovada, resultar na necessidade da pessoa trabalhar por 49 anos para poder se aposentar com um benefício máximo de R$ 5.189,92 (este é o valor atual do teto do INSS), não há como não ficar intrigado com as seguintes situações ou contradições:

1) O trabalho deixa de ser um direito, cujo valor social deveria ser protegido, e vira uma condenação perpétua;

2) A aposentadoria é postergada de tal forma que, em grande número, os trabalhadores morrerão antes de atingir os requisitos;

3) Para poder atingir os requisitos, em especial em estados cuja expectativa de vida é mais baixa, será necessário trabalhar desde criança (o que implica retirar da Constituição a proteção à infância);

Em um mundo ideal onde mulheres e homens são remunerados da mesma forma, sujeitos a jornadas iguais de trabalho e em que os compromissos familiares com educação dos filhos sejam equilibrados entre os pais, quiçá a proposta de equiparar os requisitos talvez soasse natural. A realidade brasileira evidentemente não é essa.

Cerca de 75% dos casos de adoecimento em razão do trabalho envolvem mulheres (ROCHA, 2001). o novo estilo de vida da mulher está causando um sensível aumento dos riscos de cardiopatia (*Folha de S.Paulo, 2002*), e por aí vai.

Portanto, é, no mínimo, precipitado cravar como certa a plena igualdade entre homens e mulheres para fins previdenciários, sem que haja um amplo debate na sociedade, não se esquecendo de que a atual composição do Congresso Nacional é majoritariamente masculina.

Por tudo que já tem sido criticada a PEC 287/2016 – por conta da completa crise moral e institucional do Congresso Nacional e do Poder Executivo e, talvez mais grave, no crescente descrédito do povo brasileiro com o Supremo Tribunal Federal – reafirmamos a gravidade deste momento e a necessidade de mobilização social.

Um governo provisório de dois anos está às vésperas de alterar regras que serão permanentes – ou pelo menos com uma duração muito maior que isso. Não é razoável!

REFERÊNCIAS
[1]ROCHA, Euda Kaliani Gomes Teixeira: Desigualdade Também no Adoecimento: Mulheres como o alvo preferencial das síndromes do trabalho. Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado m Caxambu - MG – Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008.

[2] "Médica aponta aumento dos fatores de risco de cardiopatia em mulheres". Reportagem publicada em Folha de S.Paulo, 3 de dezembro, 2008.

**Advogado, integrante do escritório Bordas Advogados Associados, em Porto Alegre, e colaborador da Adufg Sindicato. Integrante do CNASP (Coletivo Nacional de Advogados de Servidores Públicos)*

RESPINGOS

Notícias do movimento docente, da vida na UFG
e de questões jurídicas sobre o magistério superior

JUSTIÇA MANDA A UFG PAGAR AÇÕES COLETIVAS

O Departamento Jurídico da Adufg Sindicato conseguiu na Justiça que a UFG pague verbas de duas ações coletivas. A primeira referente a exercício anterior, aquilo que foi reconhecido administrativamente como progressão, promoção, insalubridade, abono permanência, etc. E para quem já recebeu, que a UFG faça a correção dos valores pagos. A segunda manda a universidade pagar retroatividade de progressões e promoções quando professores completaram requisitos legais de ascensão na carreira, e não a partir do pedido administrativo, como tem feito a UFG. A ação contempla todos os filiados com esses direitos mas, como é uma vitória de primeiro grau, cabe recurso.

Exorbitante

"Ao criar mais uma condição ao docente (fazer o requerimento administrativo), a UFG acaba por editar normativo que exorbita o campo de atribuições que lhe foram delegadas pela lei", diz o juiz federal Urbano Berquó Neto, na ação da retroatividade.

Desejos

"Tais decisões contemplam uma série de desejos e direitos da categoria, ignorados pela UFG", diz o advogado Elias Macedo, do escritório Eliomar Pires e Ivoneide Escher, que faz assessoria jurídica para o sindicato.

Advertência

No final de novembro, o MPOG determinou, via mensagem do Siape (o sistema digital de recursos humanos do ministério), a todos os gestores das universidades federais que atentem à decisão do STF quanto ao corte de ponto de grevistas.

Reposta

Em dezembro, a Andifes (a associação dos reitores) mandou ofício ao ministro José Mendonça Filho (MEC) dizendo ser impossível cumprir a mensagem por conta de entraves administrativos. E manifestou preocupação quanto à forma e o conteúdo do texto.

Vamos conversar

"Reforçamos também a disposição dos dirigentes em operacionalizar celeremente eventuais acordos entre o governo e entidades sindicais para a compensação dos dias de greve", disse o ofício, assinado pela reitora Ângela Cruz, presidente da Andifes.

Cadeira

José Alexandre Felizola deixou a PRPG para assumir projeto no Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT), um dos programas mais importantes do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Em seu lugar assumiu o professor Jesiel Carvalho.

Especulação

Até novembro, circulavam na administração os nomes da professora Sandramara Chaves e do professor Luis Mello como possíveis candidatos à sucessão do reitor Orlando Amaral. O assunto esfriou por conta das ocupações, mas volta à pauta em fevereiro.

Prepare-se

"Conto com a compreensão de vocês. Nem tudo será atendido com esse orçamento", disse Orlando sobre as dificuldades para 2017 na última reunião do especial Consuni, em dezembro, que premiou trabalhos acadêmicos na UFG.

Polícia para quem precisa

Repercutiu na administração e entre unidades o artigo do professor Daniel Christino, publicado na última edição do **JP**, sobre a criação do estado policial no interior das ocupações estudantis na UFG em novembro.

Emérito

O último Consuni do ano aprovou a entrega do título de professor emérito a Ronaldo Naves, aposentado da Escola de Agronomia. O professor não estava presente, mas foi muito aplaudido.

18ª diretoria lança nova marca

Em 21 de dezembro a Adufg Sindicato comemorou 38 anos e apresentou uma nova identidade visual. Essa é mais uma ação da 18ª diretoria (2014-2017), que pretende deixar um legado de renovações à frente do sindicato. O azul da antiga marca foi escurecido e acrescentados o laranja e o cinza. A nova tipografia é mais moderna, leve e elegante. Acima do nome foi inserido um desenho curvilíneo que representa o movimento de uma bandeira, símbolo das lutas sindicais e da busca por novos caminhos. A antiga marca existe desde o início dos anos 1980 (há 36 anos) e foi desenvolvida sem estudos de cor e de tipologia.



A professora Norma Simão Mirandola com o marido Agostinho Mirandola no jantar de fim de ano da Adufg Sindicato, no Master Hall, em 2005.



Professor Itami Campos com sua família, no antigo Espaço La Fontaine, em dezembro de 1996: festa existe desde os anos 90

Adufg SINDICATO prestação de contas

Julho de 2016

1	**Arrecadação, Rendimentos Financeiros e Outros**	
1.1	Contribuição Filiados - Mensalidades	265.827,84
1.2	Ingressos, Eventos e Festas	3.716,00
1.3	Receita com Pró Labore Seguro de Vida	1.650,22
1.4	Receitas Financeiras	4.941,93
1.5	Outras Receitas	2.552,29
1.6	Resgate de aplicações financeiras	35.913,32
1.6.1	IRRF sobre Resgate de aplicações financeiras (-)	137,67
Total R$		**314.463,93**

2	**Custos e Despesas Operacionais**	
2.1	Despesas com Pessoal	
2.1.1	Salários e Ordenados	43.390,25
2.1.2	Encargos Sociais	25.352,32
2.1.3	Seguro de Vida	434,14
2.1.4	Outras Despesas com Pessoal	3.592,90
2.1.5	Ginástica Laboral	550,00
2.1.6	Férias, 13º salário e Rescisões	23.849,58
2.1.7	PIS s/ Folha de Pagto.	598,93
Total R$		**97.768,12**

2.2	**Serviços Prestados por Terceiros**	
2.2.1	Cessão de Uso de Software	2.418,57
2.2.2	Despesas com Correios	673,14
2.2.3	Energia Elétrica	2.330,83
2.2.4	Honorários Advocatícios	8.035,40
2.2.5	Honorários Contábeis	3.080,00
2.2.6	Locação de Equipamentos	465,95
2.2.7	Serviços Gráficos	10.278,15
2.2.8	Honorários de Auditoria	1.123,38
2.2.9	Tarifas Telefônicas e Internet	2.611,93
2.2.10	Hospedagem/manutenção/layout do site	2.880,00
2.2.11	Vigilância e Segurança	471,63
2.2.12	Comunicação/Rádio/TV/Jornal	1.300,00
2.2.13	Serviços de Informática	1.500,00
2.2.14	Outros Serviços de Terceiros	0,00
2.2.15	Água e Esgoto	595,92
Total R$		**37.764,90**

2.3	**Despesas Gerais**	
2.3.1	Combustíveis e Lubrificantes	3.398,41
2.3.2	Despesas com Táxi	208,56
2.3.3	Despesas com Coral	2.027,91
2.3.4	Despesas com Grupo Travessias	0,00
2.3.5	Diárias de Viagens	6.745,10
2.3.6	Tarifas Bancárias	195,42
2.3.7	Lanches e Refeições	634,40
2.3.8	Quintart	12.837,60
2.3.9	Patrocínios e Doações	3.538,09
2.3.10	Manutenção de Veículos	1.278,91
2.3.11	Festas/Reuniões	0,00
2.3.12	Festa Final de Ano	0,00
2.3.13	Passagens Aéreas e Terrestres	3.541,61
2.3.14	Gêneros de Alimentação e Copa	1.200,00
2.3.15	Despesas com manutenção Sede Campestre	10.070,96
2.3.16	Hospedagens Hotéis	9.783,00
2.3.17	Material de expediente	1.298,05
2.3.18	Outras despesas diversas	2.761,68
2.3.19	Manutenção e Conservação	1.387,05
2.3.20	Homenagens e Condecorações	200,00
2.3.21	Despesas com Sede Adm. Jataí	3.133,70
2.3.22	Despesas com cursos para aposentados	0,00
2.3.23	Cópias e autenticações	9,57
2.3.24	Sabadart/Festa Final de Ano Jataí	0,00
2.3.25	Despesas com Greve	0,00
2.3.26	Despesas com Espaço Saúde	0,00
2.3.27	Despesas com atividades do Espaço Cultural	1.610,00
2.3.28	Encontro Nacional PROIFES-FEDERAÇÃO	27.013,40
Total R$		**92.873,42**

2.4	**Despesas Tributárias**	
2.4.1	IR sobre Folha de Pagto/Férias/Rescisões	2.213,77
2.4.2	Outras Despesas Tributárias	410,82
Total R$		**2.624,59**

2.5	**Repasse Fundo Social e Contribuições**	
2.5.1	Repasse para C/C Fundo Social	10.550,52
2.5.2	CUT - Central Única dos Trabalhadores	0,00
2.5.3	Proifes Federação	23.738,68
Total R$		**34.289,20**

Total Geral dos Custos e Despesas Operacionais R$	**265.320,23**

3	**Resultado do exercício 07.2016 (1-2)**	**49.143,70**

4	**Atividades de Investimentos**	
4.1	Imobilizado	
4.1.1	Construções e Edificações	17.321,19
4.1.2	Máquinas e Equipamentos	7.950,00
4.1.3	Veículos	0,00
4.1.4	Móveis e Utensílios	10.953,07
4.1.5	Computadores e Periféricos	0,00
4.1.6	Outras Imobilizações	0,00
Total R$		**36.224,26**

4.2	**Intangível**	
4.2.1	Programas de Computador	0,00
Total R$		**0,00**

4.3	**Aplicações Financeiras**	
4.3.1	Aplicação CDB	0,00
Total R$		**0,00**

Total Geral dos Investimentos R$		**36.224,26**
5	**Resultado Geral do exercício 07.2016 (3-4)**	**12.919,44**

Agosto de 2016

1	**Arrecadação, Rendimentos Financeiros e Outros**	
1.1	Contribuição Filiados - Mensalidades	264.867,31
1.2	Ingressos, Eventos e Festas	1.620,00
1.3	Receita com Pró Labore Seguro de Vida	1.533,23
1.4	Receitas Financeiras	5.209,30
1.5	Outras Receitas	480,19
1.6	Resgate de aplicações financeiras	0,00
1.7	Devolução Rateio Encontro Nacional PROIFES-FEDERAÇÃO	4.161,25
1.6.1	IRRF/IOF sobre Resgate de aplicações financeiras (-)	0,00
Total R$		**277.871,28**

2	**Custos e Despesas Operacionais**	
2.1	Despesas com Pessoal	
2.1.1	Salários e Ordenados	40.234,15
2.1.2	Encargos Sociais	32.012,68
2.1.3	Seguro de Vida	472,52
2.1.4	Outras Despesas com Pessoal	618,97
2.1.5	Ginástica Laboral	550,00
2.1.6	Férias, 13º salário e Rescisões	3.005,13
2.1.7	PIS s/ Folha de Pagto.	879,95
Total R$		**77.773,40**

2.2	**Serviços Prestados por Terceiros**	
2.2.1	Cessão de Uso de Software	1.794,08
2.2.2	Despesas com Correios	2.957,59
2.2.3	Energia Elétrica	2.432,11
2.2.4	Honorários Advocatícios	6.550,20
2.2.5	Honorários Contábeis	3.080,00
2.2.6	Locação de Equipamentos	465,95
2.2.7	Serviços Gráficos	103,00
2.2.8	Honorários de Auditoria	1.123,38
2.2.9	Tarifas Telefônicas e Internet	2.614,23
2.2.10	Hospedagem/manutenção/layout do site	2.880,00
2.2.11	Vigilância e Segurança	471,63
2.2.12	Comunicação/Rádio/TV/Jornal	103,00
2.2.13	Serviços de Informática	1.500,00
2.2.14	Outros Serviços de Terceiros	0,00
2.2.15	Água e Esgoto	552,76
Total R$		**26.627,93**

2.3	**Despesas Gerais**	
2.3.1	Combustíveis e Lubrificantes	2.973,51
2.3.2	Despesas com Táxi	460,28
2.3.3	Despesas com Coral	1.427,74
2.3.4	Despesas com Grupo Travessias	249,90
2.3.5	Diárias de Viagens	22.087,50
2.3.6	Tarifas Bancárias	280,30
2.3.7	Lanches e Refeições	1.165,08
2.3.8	Quintart	5.005,70
2.3.9	Patrocínios e Doações	6.281,90
2.3.10	Manutenção de Veículos	470,00
2.3.11	Festas/Reuniões	72,04
2.3.12	Festa Final de Ano	1.360,00
2.3.13	Passagens Aéreas e Terrestres	2.585,26
2.3.14	Gêneros de Alimentação e Copa	1.106,46
2.3.15	Despesas com manutenção Sede Campestre	9.027,01
2.3.16	Hospedagens Hotéis	1.503,00
2.3.17	Material de expediente	227,24
2.3.18	Outras despesas diversas	1.631,64
2.3.19	Manutenção e Conservação	1.247,77
2.3.20	Homenagens e Condecorações	0,00
2.3.21	Despesas com Sede Adm. Jataí	2.495,62
2.3.22	Despesas com cursos para aposentados	0,00
2.3.23	Cópias e autenticações	114,40
2.3.24	Sabadart/Festa Final de Ano Jataí	2.176,32
2.3.25	Despesas com Greve	0,00
2.3.26	Despesas com Espaço Saúde	41,55
2.3.27	Despesas com atividades do Espaço Cultural	1.610,00
Total R$		**65.600,22**

2.4	**Despesas Tributárias**	
2.4.1	IR sobre Folha de Pagto/Férias/Rescisões	2.127,06
2.4.2	Outras Despesas Tributárias	796,47
Total R$		**2.923,53**

2.5	**Repasse Fundo Social e Contribuições**	
2.5.1	Repasse para C/C Fundo Social	10.522,93
2.5.2	CUT - Central Única dos Trabalhadores	0,00
2.5.3	Proifes Federação	23.676,59
Total R$		**34.199,52**

Total Geral dos Custos e Despesas Operacionais R$	**207.124,60**

3	**Resultado do exercício 08.2016 (1-2)**	**70.746,68**

4	**Atividades de Investimentos**	
4.1	Imobilizado	
4.1.1	Construções e Edificações	1.853,59
4.1.2	Máquinas e Equipamentos	0,00
4.1.3	Veículos	0,00
4.1.4	Móveis e Utensílios	5.161,05
4.1.5	Computadores e Periféricos	0,00
4.1.6	Outras Imobilizações	0,00
Total R$		**7.014,64**

4.2	**Intangível**	
4.2.1	Programas de Computador	0,00
Total R$		**0,00**

4.3	**Aplicações Financeiras**	
4.3.1	Aplicação FIC GIRO	0,00
Total R$		**0,00**

Total Geral dos Investimentos R$		**7.014,64**
5	**Resultado Geral do exercício 08.2016 (3-4)**	**63.732,04**

Os valores contidos nestes relatórios estão por Regime de Caixa . Regime de caixa é o regime contábil que apropria as receitas e despesas no período de seu recebimento ou pagamento, respectivamente, independentemente do momento em que são realizadas.

Adufg SINDICATO

18ª Diretoria Executiva
Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás

Flávio Alves da Silva
Presidente

Daniel Christino
Vice-presidente

Edsaura Maria Pereira
Diretora Secretária

Bartira Macedo
Diretora Adjunta Secretária

Anderson de Paula Borges
Diretor Administrativo

Thyago Carvalho Marques
Diretor Adjunto Administrativo

Ana Christina de Andrade Kratz
Diretora Financeira

Luciana Aparecida Elias
Diretora Adjunta Financeira

Peter Fischer
Diretor para Assuntos dos Aposentados e Pensionistas

Maria Auxiliadora de Andrade Echegaray
Diretora Adjunta para Assuntos dos Aposentados e Pensionistas

Jornal do Professor

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DOS DOCENTES DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DE GOIÁS

ANO III – Nº 35
Dezembro de 2016
Idealizador do projeto
Prof. Juarez Ferraz de Maia

Projeto gráfico original
Cleomar Nogueira

Coordenadora de Comunicação
Kalyne Menezes (JP 2236/GO)

Edição e reportagem
Macloys Aquino (Fenaj 02008/GO)

Reportagem
Bárbara Zaidem (JP 03228/GO)

Diagramação
Bruno Cabral

Tiragem
3.000 exemplares

Impressão
Cegraf UFG

jornaldoprofessor@adufg.org.br

9ª Avenida, 193, Leste Vila Nova - Goiânia - Goiás
Fone: (62) 3202-1280

Espaço Saúde fecha 2016 com 7.588 mil atendimentos

Interatividade entre os serviços oferecidos é o foco do projeto para 2017

Macloys Aquino



O Espaço Saúde da Adufg Sindicato se consolidou, em 2016, como centro de tratamento e prevenção de doenças em docentes da UFG. Foram 7.588 atendimentos nas várias modalidades: nutrição, fonoaudiologia, pilates e RPG.

"Além de benefícios para a saúde, fiz amizades com profissionais, funcionários e ex-professores que eu não conhecia. Existe esse acolhimento aqui", diz a professora da Faculdade de Medicina, Maria Helena Canuto, de 64 anos.

Ela faz aulas de pilates no espaço há pouco mais de um ano e conta que iniciou as atividades buscando fortalecimento muscular, mas acabou encontrando um lugar para relaxar o corpo e a mente. "O benefício de utilizar o Espaço é que hoje eu tenho mais disposição. Faz bem para o corpo, para o espírito". "Quem ainda não conhece, que venha conhecer. É excelente!", recomenda.

Em dezembro, as atividades do centro foram expandidas com a criação do Espaço Saúde da Mulher, que oferece drenagem linfática, massagem relaxante e tratamento de disfunções sexuais.

Para 2017, o objetivo da Adufg Sindicato é aumentar o diálogo entre os profissionais que prestam serviços. Com a nova abordagem, serão desenvolvidos tratamentos interativos focados na melhoria da qualidade de vida dos docentes.

Fatura

A rotina de pesquisas e aulas muitas vezes impedem os professores de cuidar da saúde e priorizar os exercícios físicos. O corpo sente as consequências. "Chega um ponto em que o corpo cobra a fatura, que são exatamente as dores", explica Jeeziane Rezende, fisioterapeuta do RPG.

Ela afirma que professores e professoras procuram atendimento para aliviar dores, quando um dos principais objetivos do espaço são as ações preventivas.

As principais queixas dos professores, segundo profissionais que atendem na Adufg, são as dores nas costas, especificamente na região lombar. Isso seria consequência da má postura devido ao uso excessivo de computadores e da repetição da mesma posição – em pé ou sentado.

Acessível

O espaço foi criado em 2015 para oferecer aos docentes serviços de saúde com preços mais acessíveis. O tratamento e a prevenção de doenças, além do bem-estar dos pacientes, são o foco das atividades.

O acesso aos serviços do Espaço Saúde da Adufg é restrito aos usuários do plano de saúde Unimed/Adufg. Os valores de cada sessão, a serem pagos pelos docentes, variam de acordo com a modalidade (veja no site). O atendimento de Fonoaudiologia é totalmente gratuito, bem como as dez primeiras sessões de RPG.

ATENDIMENTOS EM 2016

TOTAL
7.588

PILATES
4.867

RPG
1.609

NUTRIÇÃO
889

FONOAUDIOLOGIA*
202

SAÚDE DA MULHER**
21

*SERVIÇO NÃO FOI OFERECIDO POR QUATRO MESES)
**ATENDIMENTOS REALIZADOS EM UMA SEMANA)
OBS.: DADOS COLETADOS ATÉ O DIA 13 DE DEZEMBRO

"O BENEFÍCIO DE UTILIZAR O ESPAÇO É QUE HOJE EU TENHO MAIS DISPOSIÇÃO. FAZ BEM PRO CORPO, PRO ESPÍRITO, PRA ALMA"

Maria Helena Canuto,
Faculdade de Medicina

Respirar o verde e esquecer o Lattes

Em 1995 a Adufg Sindicato inaugurava a Sede Campestre, em 2016 ela passou por melhorias

O verde da mata, o ar puro, o frescor da água da piscina, a rede sob a sombra das árvores, um lago para pesca, e, por que não, churrasco e algumas bebidas pra acompanhar. É essa tranquilidade que os filiados à Adufg Sindicato encontram na Sede Campestre.

Em 2016 o Recanto do Professor foi ampliado com a construção de chalés. Agora, além de aproveitar o dia no espaço, docentes sindicalizados também podem passar a noite nos quartos, equipados com camas e frigobar.

583
DOCENTES FIZERAM RESERVAS NA SEDE EM 2016

Os irmãos Rafaela e Herbert de Castro Georg escolheram um final de semana de novembro para levar a família à chácara. Aos oito anos, a pequena Clara –filha do professor Herbert (IF) – diz que o que mais gosta no espaço é do quarto e da piscina. Ela tem mesmo é vontade se aventurar nas trilhas da mata que rodeia o espaço. Mas o passeio ela não poderá desfrutar, devido aos perigos da mata fechada.

Essa vontade pode ser substituída pelo prazer visual: o forte verde da mata ao fundo enche os olhos dos visitantes e, misturado ao cheiro doce de grama no ar fresco, deixa a atmosfera perfeita para se desligar da vida acadêmica e da correria do dia-a-dia.

Fotos: Macloys Aquino


1


2


3


4


5


6

Foto 1
Juarez Ferraz de Maia (FIC) - "O Sindicato oferece a nós professores uma oportunidade de lazer que talvez não teríamos em outras ocasiões. [Eu gosto muito do] verde, das acomodações e da segurança. O conjunto disso faz a beleza do lugar"

Foto 2
Herbert de Castro Georg (IF) – "[A sede] é longe, então é mais bacana ir para dormir. Ela está associada ao bem-estar social dos sindicalizados, acho que faz parte das atribuições e está dentro do que eu espero de um sindicato"

Foto 3
Gunter Bauer (Emac) - "A sede é muito bonita, é um [espaço de] descanso. Eu sou professor de música, então gosto muito da tranqüilidade, da natureza, do ar puro. Da última vez o Cláudio (servidor da sede) nos mostrou a horta, é muito interessante"

Foto 4
Rafaela de Castro Georg (IF) - "A boa estrutura ajuda a fugir da rotina sem ter muito trabalho. Eu gosto muito do verde, da tranqüilidade. É uma boa oportunidade de sair da cidade"

Foto5
Edward Madureira (EA) - "A qualidade de todos os espaços é ótima. A estrutura é muito boa, muito agradável. Conversei com a minha família e a intenção, a partir de agora, é frequentarmos mais a Sede Campestre"

Foto 6
José Alves (EA) - "[O melhor é] o contato com a natureza, é um lugar muito tranquilo. Quem mora em uma cidade grande como Goiânia às vezes sonha ter uma chácara, a nostalgia de voltar a ter contato com o campo. Ali [na Sede Campestre] eu consigo realizar essa vontade"

Fotos: Bárbara Zaiden



Catalão terá sede da Adufg

Diretoria do sindicato se compromete a negociar novas tabelas de preços do plano de saúde para a Regional

A Adufg Sindicato deve implantar uma sub-sede administrativa na Regional Catalão em 2017 e, para ouvir as demandas dos docentes e apresentar propostas de ações, em dezembro de 2016 a diretoria do sindicato esteve na cidade. Vinte e cinco professores da Regional Catalão estiveram presentes nas discussões.

Os planos de saúde são uma preocupação dos professores na cidade e a diretoria da Adufg já iniciou contato com a Unimed Catalão e se comprometeu a negociar melhores condições para atender aos docentes. As tabelas e preços serão organizados de acordo com a realidade da região, considerando as demandas dos filiados e seus dependentes.

"Devido ao seu tamanho, o sindicato vai nos proporcionar uma série de coisas que uma entidade menor não conseguiria. Os convênios são mais representativos e os elos são muito mais fortes", defendeu o professor Solon Bevilacqua, do Curso de Administração da Regional.

O professor Flávio Alves da Silva, presidente da Adufg Sindicato, explicou que não existe diferenciação de tratamento aos docentes do interior. Assim que o processo de filiação for finalizado, os serviços e vantagens a que os professores da Regional Goiânia têm acesso também serão desfrutados pelos docentes de Catalão.

Ana Cristina Kratz, diretora administrativa da Adufg, apresentou os benefícios oferecidos sindicato, que incluem o Espaço Saúde, em Goiânia. Ali são oferecidas, entre outras, sessões de Pilates, RPG e fonoaudiologia. A professora explicou que o objetivo da ação é prevenir doenças e garantir um uso mais eficiente do plano de saúde.

Atuação sindical

Peter Fischer, diretor para Assuntos de Aposentados do sindicato, fez um resgate histórico e explicou o caminho que levou à federação ao Proifes, em 2015. "Queremos mostrar que somos um sindicato com finalidades corporativas perfeitamente definidas", afirmou o professor.

Professor do curso de Ciências da Computação de Catalão, Márcio Antônio Duarte considera fundamental o diálogo com os docentes das regionais. "A grande dúvida dos professores é se uma associação [a Adcac, filiada ao Andes] pode definir grandes questões como a greve. E aqui foi dito que o sindicato é que pode definir as questões da categoria", afirma.

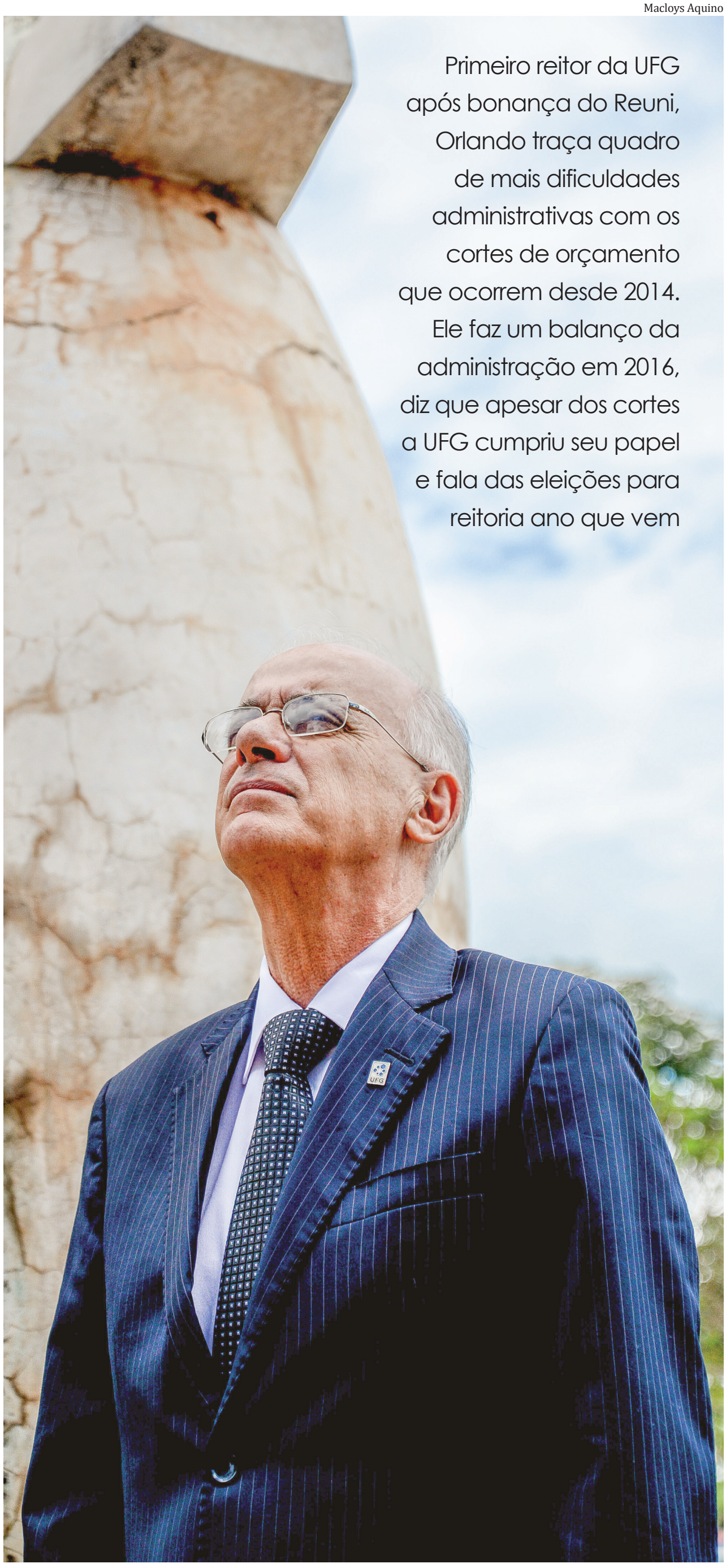
Para garantir autonomia na tomada de decisões por parte dos docentes, a sub-sede da Adufg em Catalão não será instalada nos espaços da universidade. Flávio prevê para janeiro de 2017 ainstalação da nova sede da Adufg Sindicato na cidade.

Além dos professores Flávio Alves da Silva e Peter Fischer, estiveram presentes a professora Ana Cristina Kratz, diretora Administrativa, e o advogado do sindicato Elias Macedo, para apresentar as vantagens da instalação da sub-sede.



Professores da Regional Catalão atentos à palestra de diretores do sindicato

Macloys Aquino



Primeiro reitor da UFG após bonança do Reuni, Orlando traça quadro de mais dificuldades administrativas com os cortes de orçamento que ocorrem desde 2014. Ele faz um balanço da administração em 2016, diz que apesar dos cortes a UFG cumpriu seu papel e fala das eleições para reitoria ano que vem

2017 ser

Jornal do Professor - O Senado acaba de aprovar a PEC 55, que pode restringir ainda mais os recursos para as universidades, em um quadro já de dificuldades. Qual é a real situação financeira da UFG hoje? Quais as perspectivas para 2017?

Orlando do Amaral - A aprovação da PEC, como ela foi proposta, não tem impacto para o orçamento das universidades para o próximo ano. Mas o orçamento para o funcionamento das universidades, recurso que vem na chamada matriz de custeio e capital, que nos permite pagar contas de água, energia, reprografia, e uma pequena parcela de investimentos, teve uma redução em relação a 2016. Nós crescemos, aumentamos a folha, tivemos a inflação do período e o orçamento é menor que o de 2016, esse é o drama. Se tivesse sido aplicada a regra da PEC nesse orçamento, a correção da inflação, eu estaria satisfeito, mas o que temos para 2017 é pior do que o que está previsto na PEC. Traduzindo em números, a matriz de 2016, para distribuir entre as universidades federais, foi de 3,3 bilhões de reais. Para 2017 será de 3 bilhões de reais, 6,7% a menos. Já tivemos um ano difícil em 2016 e a perspectiva é que em 2017 o orçamento seja insuficiente para os pagamentos das despesas da UFG. Estamos devendo parcelas de energia, água, telefone, faturas de terceirizados e outras, que passarão para 2017, mais ou menos desde outubro. Um cenário que temos que encarar com muita coragem.

JP - 2016 foi um ano mais difícil que os anteriores?

Orlando - Não foi muito diferente dos dois anos anteriores. O que podemos comparar é esse período de 2014, 2015 e 2016 com o período anterior, da grande expansão da universidade, do Reuni, de uma relativa abundância de recursos. Esse continua sendo o cenário referência. De lá para cá, limitamos muito as possibilidades de continuar o processo de crescimento e de consolidação. Nosso desafio era de consolidar a expansão. Avançamos, não temos grandes esqueletos na UFG, como existem em outras universidades. Fomos capazes de realizar o que é essencial nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, não tivemos nenhuma interrupção de atividades, a UFG continuou promovendo eventos, recebendo pessoas. A frustração, com os cortes, é que poderíamos ter feito muito mais.

JP - Ter que administrar essas restrições, de um lado, e seus efeitos políticos, o desgaste, de outro. Como foi lidar com essas questões?

Orlando - Tem uma tensão natural no ambiente da universidade, um ambiente aberto e democrático, onde as pessoas se manifestam de maneira muito livre. O que esperamos é que esses embates se deem sempre no plano político, ideológico, de respeito e tolerância

rá mais difícil, diz Orlando

> O GOVERNO DEVE INSISTIR EM COBRAR MENSALIDADE NAS UNIVERSIDADES. DIRÁ QUE A COBRANÇA SERÁ PARA AQUELES QUE PODEM PAGAR

às diferenças. Mas os embates extrapolaram para agressões, ofensas pessoais e intolerância nas ocupações e em outras situações. Temos um cenário político e econômico extremamente difícil, que é externo à universidade. E muitas vezes, ao invés de enxergar a adversidade lá fora, querem enxergar ela aqui dentro. Nós, gestores locais, reitor, pró-reitores, diretores, nos tornamos os primeiros alvos por sermos autoridades imediatas. Ficamos de fato num fogo cruzado. Há quem nos enxergue como o inimigo e há, por outro lado, quem nos acuse de muito tolerantes com as manifestações. Os gestores viram alvo indevidamente. Na discussão da PEC 55 e da agenda do atual governo, por exemplo, ficou muito clara a rejeição da gestão. Fizemos eventos, debates, a assembleia universitária, a moção do Consuni, estive no Senado para falar das consequências negativas dessa PEC. É absolutamente clara nossa posição e eu diria uma posição de vanguarda em relação a outras universidades. Não tenho dúvida disso, estou na Andifes e sei do que acontece nas outras universidades. As ocupações trouxeram para o ambiente interno toda uma insatisfação, que é nossa também, quando a melhor estratégia seria falar para fora. Temos acordo sobre os efeitos danosos da PEC, mas como levar isso para a sociedade, como falar sobre isso numa esfera mais ampla? Nós drenamos a nossa energia no embate entre nós mesmos, muitas vezes nos agredindo, e deixamos de lado o que seria o mais importante, fazer a mensagem chegar lá fora, ganhar a sociedade. Mas essas movimentações de qualquer forma tiveram um efeito, uma pesquisa do Datafolha mostrou que a maioria dos brasileiros reprova a PEC.

Macloys Aquino/JP/dezembro 2014



Orlando cercado por manifestantes no estacionamento da reitoria, logo após sessão que aprovou a Ebserh, em dezembro de 2014: um dos momentos mais tensos de sua gestão

> NÓS, GESTORES LOCAIS, REITOR, PRÓ-REITORES, DIRETORES, NOS TORNAMOS OS PRIMEIROS ALVOS POR SERMOS AUTORIDADES IMEDIATAS. FICAMOS DE FATO NUM FOGO CRUZADO

JP - Nesse caso a interferência da universidade foi indireta, diferente de quando a Andifes divulgou a pesquisa com o novo perfil dos estudantes das universidades federais, provando ser a maioria de classes baixas e isolando a tentativa de ressuscitar o discurso da necessidade de privatizar as universidades.

Orlando - Esse estudo deixou clara a mudança de perfil do aluno da universidade, que hoje é muito mais inclusiva do que a que tínhamos há pouco tempo atrás. Isso nos deu argumentos para contrapor uma política que possivelmente voltará, o governo deve insistir em cobrar mensalidade nas universidades. Dirá que a cobrança será para aqueles que podem pagar e com essas restrições orçamentárias é possível que o governo realmente ofereça a cobrança como alternativa. Temos que nos preparar para esse debate que não é novo e deve voltar com mais força. Um país como o Brasil, que tem apenas 17% de jovens entre 18 a 24 anos nas universidades públicas ou privadas, não vai se preparar para se colocar no mercado internacional. Instituir a cobrança de mensalidade num país que precisa dar um salto enorme na educação significa tolher ainda mais a possibilidade de acesso ao ensino superior.

JP - O que o professor esperaria do movimento docente na UFG hoje?

Orlando - Política sindical é muito complexa e na universidade separamos muito as nossas funções. O gestor não pode vestir a camisa de um sindicato, eu estou aqui representando todos os professores, todos os técnicos e todos estudantes da universidade. Tenho que me equilibrar muito bem nessa posição, não posso ser um reitor desse ou de outro grupo. Fui eleito pela maioria da comunidade. De novo, o ideal é que as disputas se dessem no plano político, ideológico, mas infelizmente extrapola, o que acaba enfraquecendo o movimento docente.

JP - Quando o senhor se candidatou a reitor, imaginava que teria tantas dificuldades?

Orlando - Não. Vínhamos de um período muito favorável à universidade, sabíamos que uma hora isso iria terminar, o Reuni tinha data marcada para se encerrar, mas esperávamos que a partir daí teríamos um orçamento compatível com essa nova universidade, do tamanho que ficou, e isso não aconteceu. Não contávamos com a não sustentabilidade e a partir de 2014 os recursos começaram a vir num patamar aquém do necessário para manutenção da universidade. Além disso, tivemos uma pauta interna muito difícil. Tivemos a discussão da Ebserh (Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares), um momento muito duro, muito tenso e radicalizado, um dos mais dramáticos. Naquele episódio, como em outros mais recentes, eu tive de exercitar toda a minha paciência, o meu equilíbrio, para não deixar a coisa fugir do controle.

Tivemos momentos muito complicados também na implantação do novo estatuto e na implantação do sistema computacional da universidade, um enorme desafio. Foram três grandes iniciativas que demandaram um esforço enorme da gestão, os três de grande monta. No final das contas, depois de todo trauma, as confusões e os embates, tudo foi muito positivo, avançamos e no maior respeito à democracia e às instâncias da universidade.

JP - O que o professor vai guardar de mais simbólico da experiência como reitor?

Orlando - Eu estou como reitor agora, mas estive como pró-reitor durante oito anos. Difícil desconectar uma coisa da outra. Mas a grande satisfação foi ter participado de um momento em que a universidade deu um enorme salto. Estou na UFG desde 1984, num período em que a universidade avançava muito lentamente. Ter vivido esse momento, ter sido pró-reitor por dois mandatos e agora reitor nesse momento, ver a universidade hoje em relação ao que era há 10, 20 anos atrás, é muito gratificante. Sem nenhum exagero, somos uma das maiores universidades do país. A consolidação da pesquisa e da pós-graduação foi fundamental. Eu ainda como diretor do Instituto de Física na década de 90 lutei muito para que minha unidade tivesse esse perfil. Depois como pró-reitor e como reitor, também dei minha contribuição para que a UFG se firmasse na pesquisa e na pós-graduação. É obrigatório para qualquer universidade que se quer conhecida e com reputação ter atuação muito forte na pesquisa e na pós-graduação. É isso que faz a diferença. Todas as universidades tem bons quadros de professores, formam bem, mas a produção e a pós são um outro patamar. Nós avançamos e todos nós que participaram desse momento, desse processo, e agora na inovação, esse ingrediente novo, temos um grande orgulho.

JP - Há quantas obras em andamento?

Orlando - Estamos executando 50 obras grandes. A primeira e a maior que dou como exemplo, o Hospital das Clínicas. Estamos construindo um edifício de 20 andares, com 600 leitos, totalmente SUS. Fomos contemplados com emendas de bancada de R$ 100 milhões, alocadas ano passado e liberadas esse ano. Esse dinheiro foi liberado e aplicado, já está todo empenhado e vamos construir o maior hospital de universidade federal do Brasil. Construído graças ao nosso empenho porque era pouco dinheiro do MEC, foi batalha do Edward (Madureira, ex-reitor), batalha minha junto a parlamentares atrás de emendas. Vamos deixar um legado para o Estado e para a Faculdade de Medicina, para o SUS, que é fantástico. Vamos inaugurar ano que vem o novo bloco de salas de aula das engenharias, na Praça Universitária, o novo prédio da Anatomia Animal aqui do ICB, a biblioteca e o restaurante universitário da Regional Goiás, o novo prédio do Instituto de Física, o prédio da anatomia e a reurbanização do campus de Catalão, os prédios da biblioteca e da Medicina de Jataí, estamos construindo os prédios do campus de Aparecida, uma obra fantástica. Não são obras pequenas, são obras de vulto, importantes. Mesmo nesse cenário de dificuldades a universidade não parou.

> “O GESTOR NÃO PODE VESTIR A CAMISA DE UM SINDICATO, EU ESTOU AQUI REPRESENTANDO TODOS OS PROFESSORES, TODOS OS TÉCNICOS E TODOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE”

JP - Essas obras serão finalizadas na sua gestão?

Orlando - Boa parte sim. Não sei se todas, até porque o orçamento do ano que vem está muito limitado, talvez o ritmo tenha que ser diminuído.

JP – O professor pensar ser candidato a reeleição?

Orlando – Não. Nunca pensei. Não sou favorável ao instituto da reeleição, não de agora, mas desde sempre. Eu fui candidato a reitor na época em que era reitora a professora Milca em seu primeiro mandato. Naquela oportunidade, foi a primeira vez que foi autorizada reeleição para reitores, depois de aprovada reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso, isso também passou a valer para as universidades federais. Ela, candidata à reeleição e eu, candidato de oposição. Uma das minhas bandeiras à época, e que mantenho até hoje, é contra a reeleição. Há um consenso entre os analistas políticos de que a reeleição não fez bem, de uma maneira geral, ao país. Pode ter sido benéfica para algumas universidades, mas em geral, para presidente, governadores, deputados, o processo não fez bem, acabou ficando muito viciado, com pessoas se perpetuando no poder e podendo usar a máquina a seu favor.

JP – Já tem um projeto para apoiar?

Orlando – No último semestre soubemos de movimentações na comunidade e na gestão, e eu sempre dizia que, como a eleição só vai ocorrer no meio do ano que vem, que essa movimentação era muito prematura. Acho que a partir de fevereiro é momento certo para isso acontecer. Espero que a comunidade tenha boas opções de candidatos e quem quer que seja escolhido faça um excelente trabalho. Temos muitas pessoas qualificadas para ocupar esse posto, tenho certeza que bons nomes serão apresentados.

JP – Mas o professor tem um nome?

Orlando – Existem vários nomes, mas eu na posição de reitor vou procurar, mesmo tendo minhas preferências, me manter equidistante, mais como observador, até para que a comunidade faça suas escolhas da maneira mais livre e independente possível, sem interferência ou direcionamento da reitoria.

JP – O professor poderia voltar a ser pró-reitor. Tem interesse?

Orlando – Nada impediria, mas não é meu projeto.

JP – E qual seu projeto para o futuro?

Orlando – Acho que depois desse período tão difícil, tão duro, que demandou tanto de mim como gestor, situações muito tensas, muito conflituosas e difíceis, tanto do ponto de vista externo e interno, primeira coisa que me vem à cabeça é ter um pouquinho de tranquilidade, relaxar um pouco, até eu pensar em ter outro projeto. É claro que a experiência de um reitor de uma instituição como a nossa é inestimável e agrega muito à capacidade de gestão e conhecimento do sistema, e esse conhecimento poderia ser útil em outras instâncias. Mas ainda tenho um ano como reitor e isso não é algo que me absorva nesse momento. Meu foco agora é completar minha gestão da melhor maneira possível.





Aprender matemática brincando

Projeto de extensão do Cepae propõe atividades lúdicas para o ensino de Matemática









Despertar o interesse pelo aprendizado da matemática em estudantes do ensino básico e promover debates sobre novas metodologias é o foco do projeto Ludens: Jogos e Brincadeiras na Matemática. Desenvolvidas pelo Departamento de Matemática do Cepae, as atividades de extensão existem desde 2009.

Oficinas, debates e competições fazem parte da programação do evento, que ocorre anualmente. Participam do Ludens toda a comunidade do Cepae de outras escolas da região, além de estudantes e professores de cursos de graduação da UFG e de outras IES.

"A matemática é vista como um bicho-papão. Os alunos geralmente não gostam da disciplina e existe a ideia de que só os gênios aprendem. O ensino da Matemática é sempre complicado", explica o professor Marcos Antônio Gonçalves, diretor do departamento.

Descomplicando

Para descomplicar a matemática, o Cepae desenvolve novas metodologias de ensino. As equipes de professores utilizam brinquedos, jogos, softwares e outras técnicas lúdicas ao longo de todo o ano. Durante as atividades do Ludens, os resultados são apresentados e novas discussões são levantadas.

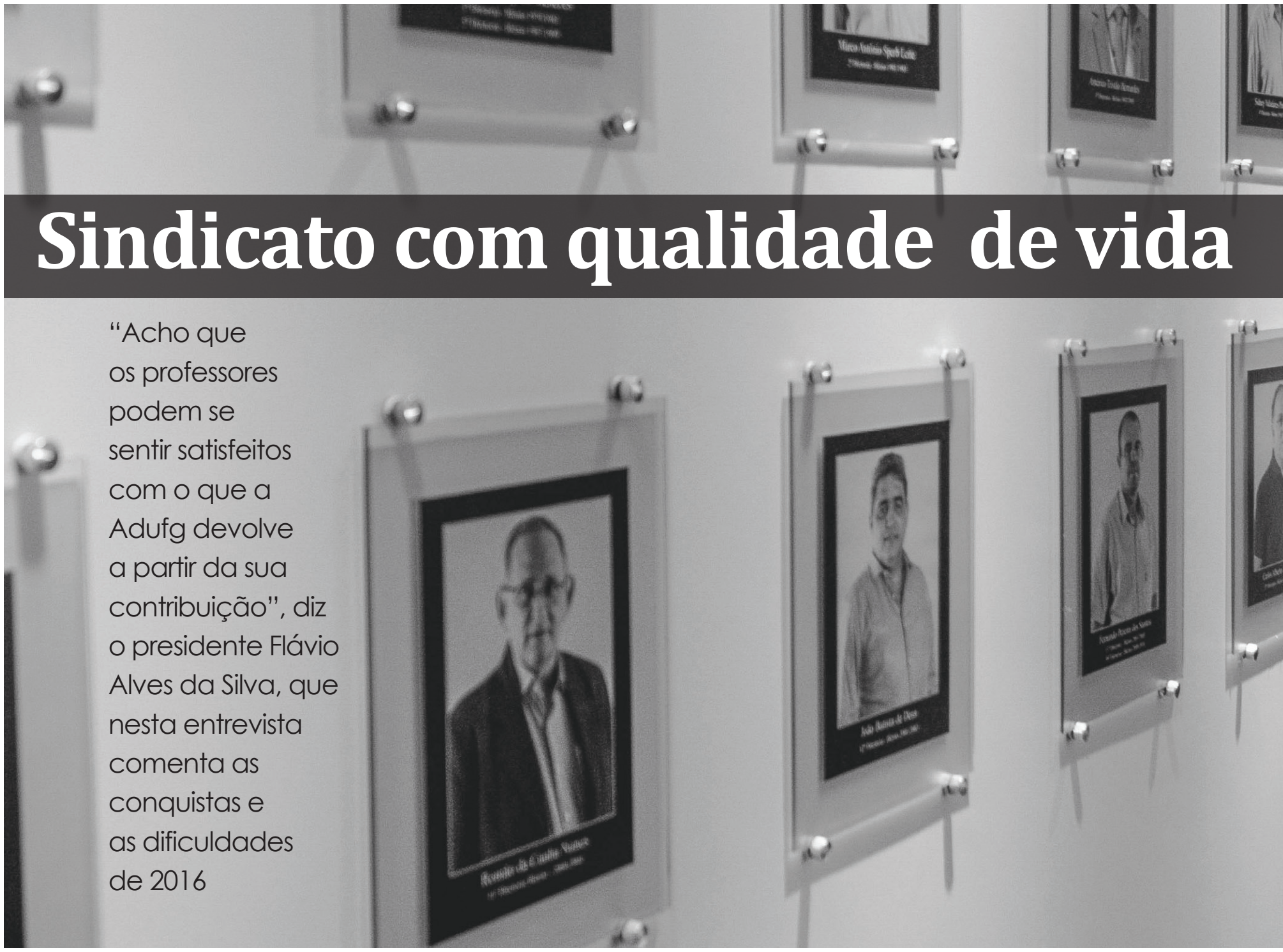
"As palestras foram importantes porque os pais entenderam que o jogo é utilizado como metodologia de ensino. Nós mostramos como as crianças aprendem matemática com os jogos", explica a professora Gene Lyra, coordenadora do Ludens.

Família e escola

As técnicas lúdicas de ensino trazem leveza ao processo de aprendizagem e são essenciais para os alunos que têm dificuldades com a Matemática. O Concurso Matemática e Brinquedo, que ocorre durante o evento, leva alunos do terceiro do Ensino Básico ao Ensino Médio, a desenvolverem seus próprios jogos.

Além dos benefícios ao processo de ensino-aprendizagem, outra conseqüência do projeto é o aumento da participação dos pais nas atividades do evento e da escola. "Os pais se aproximam mais da escola e da aprendizagem. Isso é importante para o desenvolvimento da criança. Com esse apoio e estímulo da família, a criança se desenvolve mais e com segurança", afirma a professora Moema Gomes Moraes, que trabalha com os alunos dos primeiros anos do ensino fundamental.

Sindicato com qualidade de vida



"Acho que os professores podem se sentir satisfeitos com o que a Adufg devolve a partir da sua contribuição", diz o presidente Flávio Alves da Silva, que nesta entrevista comenta as conquistas e as dificuldades de 2016

Jornal do Professor - 2016 foi um ano difícil para o Brasil. Quais foram as principais dificuldades para a categoria docente?

Flávio Alves da Silva - O Brasil precisa de ajustes para melhorar a economia, mas é injusto que esses ajustes sejam feitos sobre os trabalhadores. Nosso acordo de reajuste foi assinado assim que o Temer assumiu, mas ele deixou de fora vários pontos. No governo Dilma tínhamos GTs (grupos de trabalho) no MEC para discutir esses pontos, com o Temer não fomos sequer chamados para discutir. Este governo está em dívida com a nossa categoria.

JP - Que pontos são esses?

Flávio - Discutíamos os problemas da expansão, o registro de pontos de professores dos institutos federais, o reenquadramento de professores aposentados em adjunto IV para associados, RSC para professores aposentados, gratificação de difícil lotação, novos critérios para auxílio transporte, programa de qualificação para professores das duas carreiras (MS e EBTT) e vários outros pontos, mas acabaram todos os GTs.

JP - Como você acha que os docentes de universidades federais estão vendo o governo?

Flávio - No impeachment a universidade não se engajou tanto. A maior parte dos professores aceitou, poucos lutaram contra. Hoje, muitos na universidade são contra o governo Temer, mas não é a maioria. Tem uma parte que apoia o governo dentro da universidade.

JP - Mas é uma parte significativa?

Flávio - Sim, não é minoritária.

JP - Como pensa politicamente a maioria dos docentes?

Flávio - O professor tem o espaço dele, onde ele cria uma certa tranquilidade, é onde ele desenvolve sua pesquisa, seu trabalho de ensino, de extensão. É como se fosse uma redoma e por isso tem dificuldade para sair e mostrar sua opinião, se indispor com colegas, discutir, escutar a opinião do outro. Isso não acontece só na UFG, mas em todas as universidades. Esse é o perfil da maior parte. Os professores tem muita atribuição. Quem quer trabalhar na universidade tem muito o que fazer, acaba que muitos ficam envolvidos com questões acadêmicas, que ficam fora da política.

JP - Mas essa discussão impacta na vida do professor.

Flávio - Sim, infelizmente. Mas muitos preferem correr esse risco. E isso não é uma coisa para se condenar. É claro que seria importante o professor participar mais politicamente, mas isso é parte do processo dentro da universidade e nós, como sindicato, tem que entender isso. Fizemos uma assembleia para discutir a antiga PEC 241, tinha dez professores. Daí fala-se em greve e temos uma assembleia com 688 professores, o que é pouco, é um terço dos professores da UFG. Fizemos um plesbicito eletrônico e participaram 1.042 professores. Precisamos entender e nos adaptar a isso. As informações chegam aos professores de muitas formas e para muitos não há porque ir a uma assembleia, ouvir as mesmas pessoas falarem as mesmas coisas de sempre.

JP - Foi um momento tenso nessa assembleia com 688 participantes, os estudantes invadiram e impediram a sessão. Depois disso, um grupo de professores se solidarizou com os estudantes, montou um acampamento para apoiá-los e se dizia não representado pelo Adufg. Por que eles se dizem não representados, mesmo com grande parte filiada ao sindicato?

Flávio - Quando eles dizem que a Adufg não os representa é fato, o sindicato não compactua com a forma como fazem política, uma política para fora da universidade, para partidos, para entidades sindicais de fora. Eles não fazem política para dentro, para o desenvolvimento e para o crescimento da universidade. É minoria, fizeram uma assembleia entre eles com cem professores. Agora, é claro que a Adufg os representa juridicamente e os atende em outros aspectos, como todos os filiados.

JP - Que aspectos?

Flávio - Desde que assumimos a diretoria, a intenção foi fazer a Adufg oferecer apoio jurídico forte e serviços. Até para o professor ter a percepção de que sua contribuição é bem aplicada, é convertida em prol dele. Vários desses professores da oposição hoje estão aqui no Espaço Saúde, frequentam a Sede Campestre, o Departamento Jurídico. É sinal de que atingimos um objetivo, que era trazer o professor para dentro do sindicato. Hoje uma média de 200, 300 professores circula diariamente na Adufg, participando das diversas



atividades que oferecemos no Espaço Cultural, de Lazer e Saúde. A ideia é que todos usufruam. Quando montamos os serviços pensamos que são para atender a todos, todos que contribuem, independente de questões ideológicas.

JP - Ano que vem haverá eleição para a diretoria da Adufg. Qual será o mote da campanha?

Flávio - A diretoria juntamente com o grupo de apoio pensa em construir uma chapa e eu defenderia como bandeira uma maior inclusão dos professores dentro do sindicato, não só para usufruir dos serviços oferecidos, mas também para discussões políticas. Tornar o sindicato mais interessante ainda. Já conseguimos isso, mas precisamos aumentar. Agora, a chapa que se propuser a continuar os serviços da diretoria atual terá de trabalhar muito, porque essa gestão trabalhou bastante. Conduzimos bem o processo, assumimos a Adufg num ponto e vamos finalizar a gestão em outro patamar. Nenhum outro sindicato docente no Brasil tem a estrutura e os serviços que a gente tem.

JP - Qual o principal legado desta diretoria?

Flávio - Foi a inclusão do professor dentro do sindicato. Acredito que os professores podem se sentir satisfeitos com o que o sindicato investe a partir da sua contribuição. Nossos espaços não são usados só pelo professor, mas por seus filhos, familiares. Quando me filiei (2008), tive a percepção de que a Adufg não oferecia quase nada, por isso me preocupei com isso quando virei diretor. Temos um cuidado com a qualidade de vida dos filiados. Aqui a gente não dá dinheiro para partido político ou para outros movimentos que não têm relação com nossa categoria. Todo dinheiro da contribuição é convertido em benefício. O professor sai da universidade e pode vir para cá fazer pilates, RPG, dança, tai shi chuan. Recentemente implantamos o programa de Saúde da Mulher, porque a carga horária da mulher é maior e a maior parte do nosso público são mulheres. Que sindicato docente oferece isso?

JP - E o legado político?

Flávio - Consolidamos a Adufg em sindicato local, reforçamos a sub-sede em Jataí e estamos implantando a sub-sede em Catalão, precisamos implantar também em Goiás. Consolidamos bem politicamente o sindicato, mas ainda há muito o que fazer, ainda mais agora com a criação das duas novas universidades (Catalão e Jataí).

JP - O que você gostaria de ver realizado pela próxima gestão?

Flávio - O ano que vem será muito difícil, os recursos para universidade serão cada vez mais escassos e o governo Temer vai tentar aprovar mais reformas. Espero que próxima diretoria continue um trabalho forte junto ao Proifes-Federação para barrar investidas contra a categoria. Precisamos muito expandir no interior, aumentar o número de filiados. O maior desafio é Catalão e Goiás. E espero que possamos incluir mais professores, trazer mais pessoas aqui para dentro do sindicato.

JP - Que recomendações você faria ao próximo presidente?

Flávio - Não levar as cargas do dia a dia do sindicato para casa, porque são pressões tanto do grupo de apoio como da oposição. É preciso ser tranquilo, chegar em casa e descansar. Não pode deixar se contaminar pelas dificuldades do dia. Você vai ser xingado, acusado, difamado presencialmente ou nas redes sociais. Na última assembleia achei que fosse apanhar, mas os estragos felizmente foram só no meu carro. Se a pessoa não aguentar pressão, melhor não entrar. É sério, porque tem risco de entrar em depressão, ansiedade. Eu consigo dormir bem todo dia porque eu posso ser xingado e difamado, mas não tenho inimigos. Converso muito com professores da oposição, antes de mais nada somos colegas de universidade. Se guardar rancor, você se ferra (risos).

JP - Esse ano você assumiu a vice-presidência e a diretoria de Comunicação do Proifes. Como foi essa ascensão e quais seus planos futuros?

Flávio - Assumimos um projeto de expansão do Proifes, hoje trabalhamos com vários sindicatos para vir para o Proifes. Viajei bastante esse ano com esse trabalho e os resultados, de novos sindicatos filiados, devem vir ano que vem. Quero continuar no Proifes e no grupo de apoio da Adufg, contribuindo com a experiência que acumulei à frente do sindicato. E agora é cuidar melhor da minha vida acadêmica, continuar minhas pesquisas.

Poemas de nascer

Robevaldo Linhares Rosa */ Editora Akademos / 72 páginas*

Pianista e musicólogo, o professor Robervaldo Linhares foi vencedor três prêmios nacionais de música. Em Poemas de nascer, ele exprime o nascimento de sua poesia e a morada que o ser faz nas palavras – como define Werner Aguiar no prefácio.

Discutindo histórias da historiografia brasileira: uma abordagem analítica

Rogério Chaves da Silva */ Editora UFG / 168 páginas*

O professor Rogério Chaves da Silva realiza importante balanço e caracterização das leituras sobre a historiografia brasileira já feitas no país, considerando os contextos de produção. Ele busca entender a abordagem dada à historiografia brasileira por diferentes historiadores especialistas no tema.

Coleção Expressão Acadêmica – Editora UFG

Pecuária goiana: espaço e técnica na modernização do agronegócio

Onofre Pereira Aurélio Neto */ Editora UFG / 196 páginas*

A relação entre espaço e técnica na modernização do agronegócio em níveis municipal e estadual, com enfoque na pecuária bovina de corte no território goiano.

Temporalidade e historicidade em Ilya Prigogine

Rodrigo França Carvalho */ Editora UFG / 168 páginas*

Uma busca por evidenciar os possíveis paralelos e os diálogos entre a física e a história, associados com a transformação vivenciada pela ciência – que é resultado de uma metamorfose da ciência, e não de uma crise ou ruptura paradigmática.

Violência contra migrantes no México

Júlio da Silveira Moreira */ Editora UFG / 264 páginas*

Teoria sociológica que tem como base uma detalhada e prolongada pesquisa de campo. Mas é também um livro de histórias de pessoas que estiveram envolvidas direta e indiretamente na travessia da fronteira entre EUA e México.

Centralidade e mobilidade: padrão de deslocamento de pacientes do SUS

Cristiano Martins da Silva */ Editora UFG / 178 páginas*

O professor Cristiano defende a ideia de que a estratégia de sobrevivência da população residente nas áreas desprovidas de serviços e infraestruturas (com destaque para a saúde) do interior goiano está no deslocamento para outros municípios.

Mapeamento genético em cana-de-açúcar (Saccharum ssp.)

Camila de Marillac Costa Nunes */ Editora UFG / 162 páginas*

Descrição detalhada dos passos para a construção de um mapa de ligação integrado e de um mapa de ligação para o genótipo-elite da Ridea RB97327, utilizando marcadores microssatélites (SSR) e DArT (Diversity Arrays Technology).

Aula de língua Portuguesa e identidades de gênero e raça

James Deam Amaral Freitas */ Editora UFG / 244 páginas*

A obra é uma reflexão sobre os processos de ensinar e aprender Português na escola e a intrínseca relação desses processos com a constituição de identidades, as práticas sociais, os contextos históricos e educativos e as estruturas de poder.

Bom filho a casa torna

Depois de 25 anos fora de Goiás, aposentados José Carlos Barbosa e Nilva Barbosa revisitam colegas e unidade onde trabalharam na Escola de Engenharia Civil



Nilva e José Carlos no corredor que dá acesso à diretoria da EEC, em frente à foto de construção do prédio, em 1959

Depois de 25 anos, José Carlos Barbosa não lembrava bem onde era a sala do CPD, o antigo Centro de Processamento de Dados. Sabia que era no prédio da Escola de Engenharia Civil (EEC). "Era ali", apontou, já dentro do prédio, Nilva Barbosa, sua mulher, para a sala onde hoje funciona a diretoria da EEC.

"Será?". José Alves não se convenceu e entrou. Se deparou com novas divisórias, que separam também a secretaria da EEC, até que avançou para a grande janela no fundo da sala. "Era aqui mesmo". E saiu em direção à copa. "Deixa tomar uma água que a boca ficou seca de emoção", disse.

O professor trabalhou na UFG de 1966 a 1991, no antigo Instituto de Estatística e Informática – hoje separado entre IME e INF –, e depois de aposentar-se voltou com a mulher às origens, um antigo sítio da família na região de Ourinhos, em São Paulo.

Nilva se tornou professora na mesma unidade em 1975 e, com a aposentadoria do marido, pediu demissão para acompanhá-lo de volta a Ourinhos.

Na UFG, José Carlos teve vários cargos de chefia, dentre eles, o de chefe do CPD, órgão que ajudou a criar. Ficou seis anos ali, momento da vida em Goiás que lhe deixa mais saudade.

"Eu sou goiano de profissão", diz o professor. "O único emprego que eu tive foi aqui. A parte da minha vida aqui foi uma maravilha, só não deu certo de voltar. Por mim eu teria voltado, minha esposa preferiu ficar", diz.

> "O ÚNICO EMPREGO QUE EU TIVE FOI AQUI. A PARTE DA MINHA VIDA AQUI FOI UMA MARAVILHA"

Barbosa era professor da Matemática quando foi criada a primeira turma de Informática, com 30 alunos. Hoje são quase 800 na unidade. "A gente foi de certo modo a base", orgulha-se. Ele fez o primeiro vestibular unificado corrigido por computador, no caso o IBM 1130, uma máquina que ocupava metade da sala do CPD.

"Na época era o onze-trinta para a universidade toda. Implantei um controle acadêmico, todos os cursos da universidade a gente controlava com o onze-trinta, uma memória extremamente pequena. Todas as informações da universidade e o vestibular ficavam num único disco", conta.

Retorno

Agora em dezembro resolveu fazer a visita. "Vim por inciativa própria para visitar colegas, não fui convidado. E me impressionou o progresso de Goiânia e da universidade", constata. Foi a casa de ex-colegas, foi ao Baile da Adufg Sindicato e, no último dia em Goiânia, retornou à EEC à convite do JP.

Andamos juntos pelos prédios das engenharias, na Praça Universitária, reconhecendo nomes em antigas placas de formandos, perguntando a estudantes e servidores se sabiam onde ficava o CPD. "Acho que era ali", enganou-se um servidor antigo ao indicar a unidade do Centro de Recursos Computacionais (Cercomp), que realmente substituiu o CPD, mas é um novo prédio.

Caminhávamos com os olhos no relógio, tínhamos pouco tempo até a hora do check-out no Umuarama Hotel, onde Barbosa, Nilva e um filho haviam se hospedado. Ficaram quatro dias em Goiânia. "Da próxima vez eu venho pra ficar o tempo que eu quiser", disse.

Bárbara Zaiden



Sem perder o humor jamais

Peter Fischer abre as portas de sua casa e conta um pouco de sua história ao JP

"Eu sou tipo pequi: ou as pessoas amam ou elas detestam". Como de costume, Peter Fischer usa humor e sarcasmo ao tentar se definir. As emoções se afloraram ao relembrar quando, aos cinco anos de idade, carregava uma estrela de Davi estampada no peito da camisa. A mãe lhe deu forças para enfrentar o preconceito e o ensinou a ter orgulho de si. E assim fez Peter.

Húngaro, filho de judeus, casado com uma brasileira judia, ele chegou ao Brasil em 1959 acompanhado dos pais, após perder o restante da família durante a Segunda Guerra Mundial. Trabalhando desde os 14 anos de idade no Rio Grande do Sul, a graduação foi escolhida devido às dificuldades com as provas de português – rastro das dificuldades de um estrangeiro que tenta aprender uma nova língua.

Com o diploma de médico veterinário em mãos, não foi difícil encontrar emprego em Goiás em 1964. Foi quando Fischer ingressou na UFG e na Secretaria da Agricultura do Estado. Desde então, ele vive no Cerrado e é apaixonado por Goiás.

A caminhada continua

Aos 80 anos e aposentado, hoje Peter luta para transformar em saudade o vazio deixado pela perda da esposa, Marlene Fischer, com quem viveu durante 56 anos. Por isso, ele, a filha, o neto e o genro revezam o local das refeições: o almoço é na casa deles e o jantar na casa de Peter.

"Deveria ser fácil responder essa pergunta, né?", perguntou sobre o que é mais importante para ele. Alguns segundos de reflexão depois: "Acho que a universidade foi a parte mais importante da minha vida".

Mesmo aposentado, Peter não deixou de lado as atividades universitárias. Quando a Adufg foi criada e ainda era uma associação, o professor já era atuante. Hoje, ele ainda faz parte do sindicato, onde ocupa o cargo de diretor para Assuntos de Aposentados e Pensionistas.

Nas redes sociais, Fischer encontrou espaço para continuar crítico à esquerda brasileira e discorrer sobre política. Nesse cenário brasileiro conturbado, ele acredita que a esperança do povo brasileiro está chegando ao fim. "Quando há uma perda de confiança nas estruturas democráticas, pode aparecer alguém e dizer que é o salvador da pátria. Isso é perigoso, pois assim podemos caminhar para outros 20 anos de ditadura", analisa preocupado.

> "QUANDO HÁ UMA PERDA DE CONFIANÇA NAS ESTRUTURAS DEMOCRÁTICAS, PODE APARECER ALGUÉM E DIZER QUE É O SALVADOR DA PÁTRIA. ISSO É PERIGOSO"

Amadurecimento e história

Em sua atual rotina, ele se esforça para utilizar todos os cômodos da casa – que ficou grande para uma só pessoa. Em visita ao quartinho dos fundos, onde ainda mantém antigas ferramentas, Peter relembra os trabalhos manuais que costumava fazer. A cerca e os portões de ferro da casa, por exemplo, foram feitos por ele antes de um problema de saúde que comprometeria parciamente seus movimentos.

Assim como os trabalhos manuais com ferro, a fotografia foi paixão de Peter por muitos anos e também teve que ser abandonada. Uma de suas primeiras câmeras era de seu pai e, até hoje, todas as máquinas estão cuidadosamente guardadas em seu escritório.

Democrata convicto, ele defende, acima de tudo, os direitos dos indivíduos. "Antes de mais nada, o que mais deve ser respeitado em uma sociedade é o indivíduo. Eu sempre lutei para que o indivíduo fosse respeitado. Em alguns pontos eu consegui, em outros não", explica.

Memórias

Para registrar algumas histórias e vivências, em 1997 Peter publicou o livro Memórias de um veterinário no Cerrado. Ele afirma que, quando jovem, "a todo momento desejava mostrar meus conhecimentos, que acreditava serem muitos e extremamente úteis. Nada como o tempo para ver o papel de tolo daquele que acredita que sabe tudo".

O Peter de hoje é mais humilde que o jovem veterinário patologista, apesar de não ter pedido o gosto pelo debate de ideias. Raramente a tristeza transparece em seu rosto, geralmente iluminado por um largo riso de quem sempre faz piadas. Depois de percorrer longos caminhos e buscar sempre aprender, ele ri de si mesmo, das ingenuidades e do excesso de confiança de algumas pessoas.